

ACERTO DE CONTAS: Mercado financeiro recebe bem o programa, mas teme aprovação das medidas pelo Congresso Nacional

Bolsas oscilam e aumenta saída de dólar

Saldo ficou negativo em US\$ 828 milhões, mas BC diz que remessas vão quitar títulos no exterior

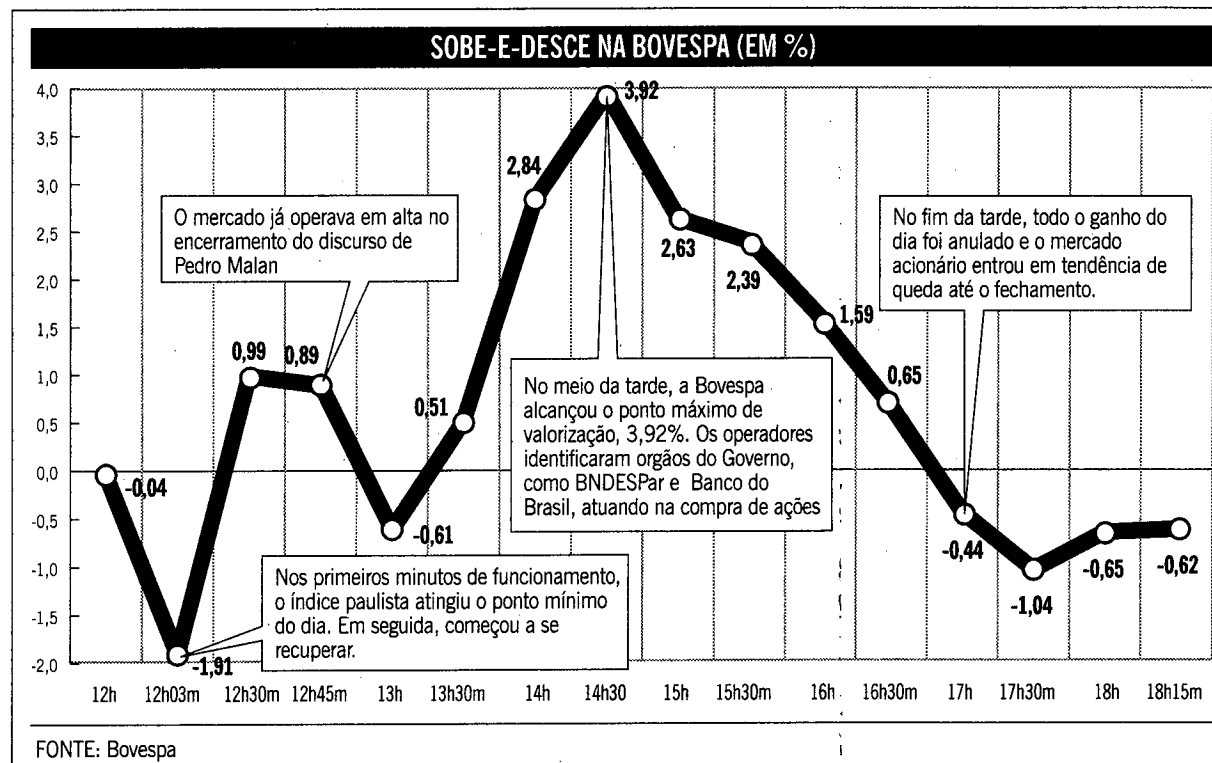
Flávia Oliveira

• RIO e BRASÍLIA. Foi um dia de altos e baixos no mercado financeiro. Bolsas de valores, juros e dólar nos mercados futuros oscilaram fortemente, em reação ao Programa de Estabilidade Fiscal. Os operadores aplaudiram as medidas — algumas, como a CPMF de 0,38%, chegaram a surpreender — mas têm dúvidas sobre a aprovação pelo Congresso Nacional. Diante disso, a Bolsa de São Paulo enfrentou queda de 1,91% e alta de 3,92% para fechar com 0,62% de desvalorização. O saldo cambial também decepcionou: até o início da noite, as saídas superavam as entradas em US\$ 828 milhões. Foi o pior desempenho desde 14 de setembro, quando no auge da crise o país perdeu US\$ 902 milhões.

Os operadores afirmam que o aumento das remessas de dólares, ontem, não está relacionado à divulgação do pacote fiscal, mas aos vencimentos de títulos no exterior no último dia do mês. Somente cinco empresas — entre as quais os bancos ABN Amro e HSBC Bamerindus — enviaram quase meio bilhão de dólares para fora do país.

Saídas pelo flutuante chegaram a US\$ 238 milhões

O resultado disso foi que, pouco depois das 19h30m, o câmbio financeiro (que registra investimentos diretos, aplicações em bolsas e renda fixa, operações de empréstimos e emissão de títulos) contabilizava saídas de US\$ 868 milhões. As entradas, contudo, somavam apenas US\$ 350 milhões. No mercado flutuante (por onde sai o dinheiro de investido-



res brasileiros), o saldo ficou negativo em US\$ 238 milhões.

Maria do Socorro Carvalho, chefe do Departamento de Operações das Reservas Internacionais do Banco Central, confirmou que as remessas se destinaram à amortização de dívidas das empresas brasileiras no exterior. E acrescentou que as operações estavam programadas desde o início da manhã, antes mesmo da divulgação das medidas fiscais.

No mercado, estima-se que só em outubro venceram mais de US\$ 1,8 bilhão em títulos externos, que por causa da crise não vêm sendo renovados. Em novembro, os vencimentos de bônus são estimados em US\$ 194 milhões.

O mau desempenho do câmbio

foi um elemento a mais num dia de muita tensão no mercado financeiro. A expectativa em relação à divulgação das medidas era tão grande, que as bolsas de valores adiaram por uma hora a abertura dos pregões. As negociações só começaram ao meio-dia, dez minutos depois do início do pronunciamento do ministro da Fazenda, Pedro Malan. Em poucos minutos, o Ibovespa atingiria o ponto mínimo do dia.

— Havia muita apreensão, mas as medidas surpreenderam favoravelmente. A sensação é de que o Governo exagerou em algumas propostas para ter margem de manobra na negociação com o Congresso — diz Adauto Lima, economista do Lloyds Bank.

Esse otimismo tomou o merca-

do até o meio da tarde, quando índice paulista atingiu valorização de quase 4%. Houve quem identificasse órgãos do Governo, como BNDESPar e Banco do Brasil, comprando ações para pressionar o mercado. O movimento, contudo, não teve fôlego: na última hora de negociação, o Ibovespa voltou a cair e terminou o dia em queda de 0,62%. No Rio, a desvalorização foi de 0,18%.

Os mercados futuros de juros e dólar apresentaram a mesma oscilação das bolsas. As projeções de desvalorização do real em novembro variaram de 1,19% a 1,32% nos contratos da Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F). No fechamento, a expectativa era de 1,3% de correção cambial. O DI (taxa de empréstimo entre os

bancos) esperado para o mesmo mês também passou de 37,79% ao ano, na véspera, para 39,06% ontem. Os títulos da dívida externa também caíram: os C-bonds fecharam a US\$ 0,605 por dólar, com queda de 2%.

— O mercado está esolado de outros ajustes bem planejados, mas que não foram implementados. O Governo mostrou disposição em cobrar a conta daqueles que já ganharam demais. Mas há muitos congressistas falando contra as medidas. Isso inibe o otimismo — argumenta o presidente do Banco Prosper, Edson Menezes.

Agora, a expectativa é grande em torno da assinatura do acordo com o Fundo Monetário Internacional. O consenso no mercado é de que a liberação do dinheiro só virá depois que as medidas fiscais forem aprovadas pelo Legislativo. Enquanto isso, o mercado financeiro continuará convivendo com fortes oscilações.

Brasil influenciou operações na Bolsa de Nova York

Na América Latina, os analistas receberam o programa fiscal com as mesmas ressalvas dos operadores brasileiros. O temor de que o Governo tenha dificuldades para aprovar as medidas no Congresso derrubou as principais bolsas da região. Em Buenos Aires, a queda foi de 3,63%; no México, de 1,88%. A bolsa chilena caiu 0,40%. Também influenciada pelo pacote brasileiro, a Bolsa de Nova York, fechou com variação positiva de 0,07%, em um dia marcado por forte oscilação. ■

COLABORARAM Ana Paula Baltazar e Sheila D'Amorim